

SUPER INTERESSANTE

EDIÇÃO BIBLIOTECA



OS PRIMEROS PORTUGUESES

PRÉ-HISTÓRIA NO TERRITÓRIO DE PORTUGAL

SUPER

INTERESSANTE HISTÓRIA

Maio de 2025

Direção **Carmen Sabaleta** (csabaleta@zinetmedia.es)



REDAÇÃO

Redatora chefe **Cristina Enríquez** (cenriquez@zinetmedia.es).
Coordenação de design **Óscar Álvarez** (oalvarez@zinetmedia.es).

REDAÇÃO EM MADRID

C/ Alcalá, 79. 1º A. 28009 Madrid; Teléfono +34 810 583 412.

Colaboradores: **José Eduardo Franco** (coordenador geral),
João Luís Cardoso (coordenador científico deste número),
Nuno Bicho, João Cascalheira, Célia Gonçalves,
António Faustino de Carvalho, Nuno Neto, Paulo Rebelo,
António M. Monge Soares, Raquel Vilaça, Tempus Art.

Consultora **Marta Ariño**
Diretor Geral Financeiro **Carlos Franco**
CRO (Diretor Comercial) **Alfonso Juliá** (ajulia@zinetmedia.es).
Brand manager **Marta Espresate** (mespresate@zinetmedia.es)

DISTRIBUIÇÃO:

VASP – Distribuição e Logística, S.A.
A Super Interessante é uma publicação
registada na Entidade Reguladora
para a Comunicação Social com o n.º 118 348.
Depósito legal: 122 152/98.



© Zinet Media Global, S.L. Esta publicação é propriedade exclusiva da Zinet Media Global, S.L., e a sua reprodução total ou parcial, não autorizada, é totalmente proibida, de acordo com os termos da legislação em vigor. Os contraventores serão perseguidos legalmente, tanto a nível nacional como internacional. O uso, cópia, reprodução ou venda desta revista só poderá realizar-se com autorização expressa e por escrito da Zinet Media Global, S.L.

Tombs for the dead:

natural caves, artificial caves, megalithic and false dome monuments

João Luís Cardoso

Abstract

The different ways of burying the dead documented in Portuguese territory are characterized, from the Early Neolithic to the end of the Chalcolithic, both in individual graves and in collective necropolises, using different sepulchral constructions: natural caves, artificial caves, dolmens and false vault graves (tholoi), revealing different traditions and cultural influences.

Keywords: funerary practices; tombs; natural caves; artificial caves; megalithic monuments; false dome monuments; Portugal

TÚMULOS PARA OS MORTOS:

grutas naturais, grutas artificiais,
monumentos megalíticos e de falsa cúpula

JOÃO LUÍS CARDOSO

Investigador-Coordenador convidado do ICAREHB
(Universidade do Algarve). Coordenador do
CEACO (Câmara Municipal de Oeiras)

Monumento
megalítico de
Alcalar.

Desde muito cedo a Humanidade conferiu aos mortos significado próprio, que justificou o cuidado que lhes foi dispensado, através da deposição no terreno dos seus despojos funerários, acompanhados de oferendas. Tais práticas, que remontam na Europa às populações Neandertais, tiveram rápida afirmação e desenvolvimento com o advento dos humanos anatomicamente modernos, comprovados no Ocidente da Península Ibérica pelo menos desde há 43 mil anos antes do presente.

No território português, porém, é apenas a partir do Mesolítico Final do vale do Tejo, situado cerca de 8100/7400 anos antes do Presente, que as práticas funerárias se encontram bem documentadas, por via das mais de 300 tumulações postas a descoberto nos célebres concheiros das ribeiras de Muge e de Magos (Salvaterra de Magos) cujas escavações se iniciaram em 1864, constituindo os trabalhos arqueológicos mais antigos respeitantes a uma estação de época pré-histórica de ar livre do continente europeu.

As comunidades que ali viveram enterravam os seus mortos em covachos, por vezes agrupados, como se verifica no concheiro da Moita do Sebastião constituindo o primeiro exemplo conhecido de um cemitério do território português, evidenciando a ausência de diferenciações sociais na sua constituição, refletindo a existência da sociedade igualitária então vigente.

De acordo com as últimas investigações realizadas no concheiro do Cabeço da Amoreira (ver capítulo neste volume) a transição para as primeiras sociedades neolíticas documentadas na mesma região ter-se-á efetuado de forma gradual, pro-



Reconstituição de um funeral de habitante do povoado pré-histórico de Leceia. Conceção e desenho digital de Bernardo Lam Ferreira / João Luís Cardoso.



Enterramento em fossa do Neolítico Antigo identificado nas escavações realizadas nos antigos Armazéns Sommer (Lisboa). Observe-se a deposição do corpo em decúbito lateral, com braços e pernas fletidos. Fotografia Neoépica, Lda.

vocada por estímulos externos, que propiciaram a adopção de novas tecnologias, características das primeiras sociedades produtoras de alimentos, como o fabrico de machados e enxós de pedra polida e a introdução do fabrico da cerâmica. Estava-se então no Neolítico Antigo, na segunda metade do 6.º milénio a.C. A esta época pertencem as tumulações neolíticas realizadas em algumas grutas no Maciço Calcário Estremenho e zonas limítrofes como é o caso da Gruta do Caldeirão (Tomar), aliás na tradição das que, na mesma região se teriam realizado no Paleolítico Superior. Pode assim concluir-se que, enquanto no vale do Tejo, continuava-se a viver um quotidiano de pura caça e recolção, na região a Ocidente, entre o Oceano e o Tejo, já existiam populações neolitizadas.

SEPULTURAS PARA OS MORTOS: UMA VIAGEM NA PRÉ-HISTÓRIA

Tais populações, para além de procederem a tumulações em grutas naturais, continuaram também a realizar, na tradição mesolítica, enterramentos em covachos abertos no solo, com a deposição dos corpos em decúbito lateral, com braços e pernas fletidos, na mesma posição que o corpo humano ocupava no útero materno. Os dois únicos exemplos até hoje identificados no território português situam-se no subsolo da cidade de Lisboa, tendo sido identificados pela empresa Neoépica Lda. nos Armazéns Sommer, perto de Santa Apolónia e no Palácio Ludovice, no Bairro Alto. Em ambos os casos, avultava a presença de um vaso decorado constituindo a principal oferenda, num dos casos colocado por cima da sepultura, conforme su-



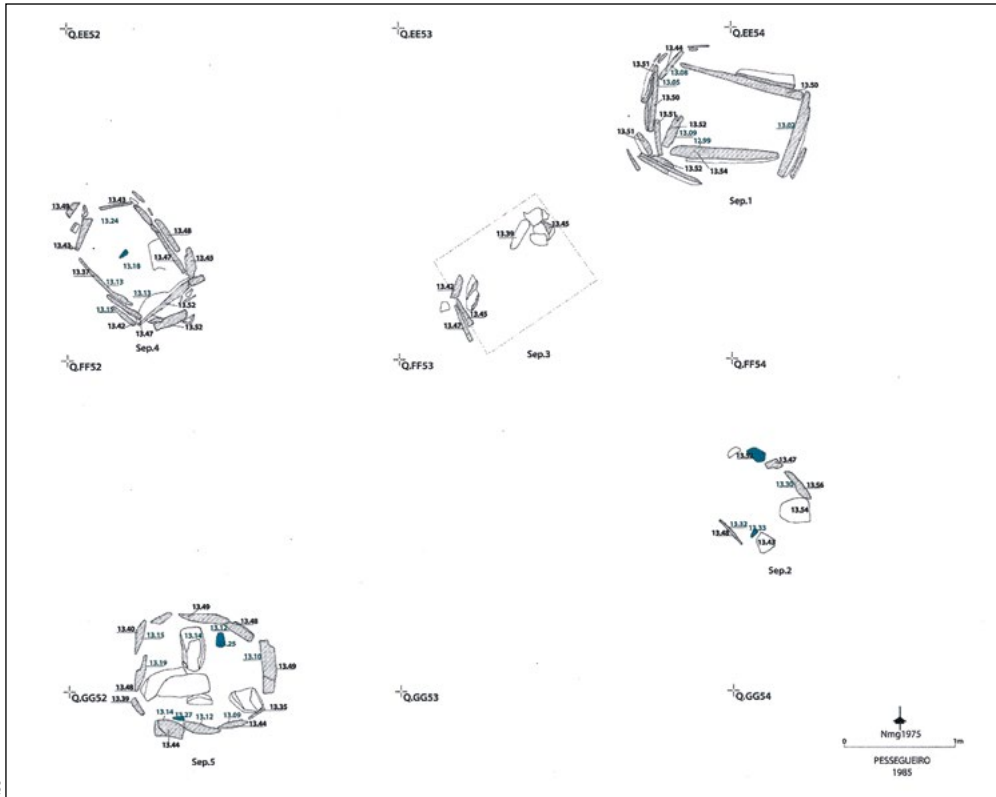
Enterramento em fossa do Neolítico Antigo identificado nas escavações realizadas no Palácio Ludovice, no Centro Histórico de Lisboa pela empresa Neoépica, Lda., em curso de escavação. Observe-se a deposição do corpo em decúbito lateral, com braços e pernas fletidos. Fotografia de João Luís Cardoso.

gere a escavação realizada no segundo daqueles sítios. Estava-se ainda na presença, por certo, de sociedade igualitária a qual, a breve trecho, iria conhecer assinaláveis diferenças estruturais.

Com efeito, nos alvares do Neolítico Médio, situáveis nos primórdios do 4.º milénio a.C., emergem as primeiras sepulturas ortostáticas fechadas, de pequenas dimensões, com elementos pétreos que não ultrapassavam 50 centímetros de altura, sendo, por tal motivo, designadas proto-megalíticas. O exemplo mais notável desta época é representado no território português pela necrópole do Pessegueiro (Sines) constituída por cinco sepulturas individuais com aquelas características. A época da constituição desta necrópole deve situar-se no decurso da primeira metade do 4.º milénio a.C., apresentando-se espacialmente autonomizada da área habitada situada por certo noutro espaço, ao contrário do observado no Palácio Ludovice, denotando ser de cronologia mais recente.

Embora o conjunto constitua um verdadeiro cemitério, as sepulturas destinavam-se à tumulação de um único indivíduo; estava-se ainda longe da construção dos grandes dólmenes do Neolítico Final, possuindo estes, em geral, câmaras poligonais, com ou sem corredores, mais ou menos bem diferenciados, suscetíveis de terem albergado, ao longo de várias centenas de anos, centenas de deposições funerárias, desde os inícios da segunda metade do 4.º milénio a.C., ou mesmo antes.

Prosseguia também a utilização funerária de grutas naturais, realidade que, no território português assume especial importância nas regiões calcárias, como é o



Planta de Necrópole proto-megalítica do Pessegueiro, Sines, do Neolítico Médio. Seg. Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva.

caso da bacia lusitânica, desde a região de Santiago do Cacém ao Cabo Mondego. Com efeito, as grutas conhecidas nesta região têm evidenciado ocupações frequentes do Neolítico Médio globalmente situadas na primeira metade do 4.º milénio a.C., constituindo exemplos particularmente importantes as necrópoles então organizadas nas grutas naturais do Lugar do Canto (Alcanena) e do Algar do Bom Santo (Alenquer). Em ambos os casos, as tumulações correspondiam a simples deposições dos corpos no chão primitivo das cavidades acompanhados por oferendas de diversos tipos, desde adornos pessoais, com destaque para as braceletes de concha de *Glycymeris* sp., até artefactos do quotidiano representados por machados e enchós de pedra polida e instrumentos de pedra lascada, como lâminas não retocadas e micrólitos geométricos. Tais necrópoles coletivas evidenciavam ausência de segregações de cada uma das tumu-



Vista de uma das sepulturas da Necrópole do Pessegueiro na atualidade.



Anta Grande da herdade da Ordem (Aviz). Note-se o enorme bloco que serve de chapéu.

lações realizadas, realidade que prossegue no decurso do Neolítico Final ao longo da segunda metade do 4.º milénio conforme demonstra a necrópole coletiva do mesmo tipo da gruta do Escoural (Montemor-o-Novo). Com efeito, as datas de radiocarbono 14 obtidas sobre restos humanos ali recolhidos indicam que a utilização daquele espaço se realizou já na segunda metade do 4.º milénio a.C., coexistindo com a construção dos grandes dólmenes conhecidos na região.

Remonta igualmente ao Neolítico Final a instalação em grutas naturais de necrópoles coletivas, mas onde as diversas tumulações já se encontravam diferenciadas espacialmente por via de pequenos muretes delimitadores das mesmas. Tal realidade foi exemplarmente documentada na Lapa do Bugio (Sesimbra)

Em síntese: no Neolítico Antigo as sepulturas conhecidas no território português estão documentadas por tumulações em grutas naturais, cujas características específicas ainda se desconhecem, e por sepulturas individuais em covachos abertas no solo; a situação complexifica-se no Neolítico Médio e sobretudo no Neolítico Final, com a emergência de verdadeiras necrópoles coletivas, tanto em grutas naturais, como em dólmenes, sucedâneos das pequenas sepul-



Anta 2 de Chão Redondo (Sever do Vouga) exibindo decorações insculptadas geométricas nos esteios semelhantes às observadas nos monumentos megalíticos irlandeses. Arquivo de João Luís Cardoso. Fundo Manuel Farinha dos Santos.

turas proto-megalíticas, refletindo a própria evolução sociológica das sucessivas comunidades que habitaram o território português. Assim, no decurso do Neolítico Médio, situado globalmente na primeira metade do 4.º milénio a.C. assiste-se, nas regiões onde existiam grutas naturais, à continuidade da utilização destas como necrópoles coletivas, ao mesmo tempo que se construíam as primeiras sepulturas individuais proto-megalíticas. Umhas e outras tiveram continuidade no Neolítico Final (a partir de cerca de 3400/3300 anos a.C.), observando-se por vezes a compartimentação e individualização do espaço funerário em certas grutas naturais, ao mesmo tempo que emergiam os grandes dólmenes de câmara poligonal, em geral com corredores mais ou menos longos e diferenciados, por vezes muito longos, que constituíam autênticas necrópoles coletivas.

Data igualmente do Neolítico Final a construção das primeiras grutas artificiais, ou hipogeus, no território português, realidade condizente com a já aludida diversificação das soluções arquitetónicas adotadas. Naturalmente, a construção das grutas artificiais dependia, antes de mais, da existência de rochas brandas facilmente escaváveis, de origem sedimentar, as quais ocupam áreas limitadas no nosso país. Avultam as conhecidas na região de Lisboa bem como em Aljezur e Monte Canelas (Portimão), constituindo em geral necrópoles integrando número variável de túmulos.

AS SEPULTURAS ESCAVADAS NA ROCHA E OS SEUS SEGREDOS

As primeiras necrópoles constituídas por sepulturas coletivas escavadas na rocha foram exploradas em 1876 por António Mendes, sob a direção de Carlos Ribeiro; situam-se no Casal do Pardo, Quinta do Anjo (Palmela), correspondendo a quatro hipogeus. Em finais do século XIX foi identificada a primeira das quatro grutas da necrópole de Alapraia (Cascais), tendo as restantes sido exploradas na década de 1930, altura em que também se identificou e escavou o conjunto constituído pelas três grutas artificiais de Carenque (Amadora). Importa referir o conjunto localizado por Estácio da Veiga no último quartel do século XIX, correspondendo a hipogeus em poço, perto da Igreja Matriz de Aljezur, o qual tem outros paralelos em território português. Enfim, já no final do século XX foi explorado o hipogeu do Monte Canelas (Portimão) e outros, mais recentemente se identificaram e escavaram em zonas do país onde eram até época recente completamente desconhecidos, como é o caso da necrópole de Sobreira de Cima (Vidigueira), que remonta igualmente ao Neolítico Final.

Os conjuntos mais importantes e numerosos representados pelas necrópoles da região de Lisboa integram grutas que, na sua organização arquitetónica ideal, possuem um átrio exterior, comunicando com um corredor mais ou menos longo e



Pormenor de placa estalagmítica da gruta do Escoural (Montemor-o-Novo). Observe-se a existência de dois crânios humanos e de vasos esféricos lisos colocados ritualmente uns dentro dos outros, testemunhos da forma como se processaram as deposições funerárias e as respetivas oferendas, sobre o chão primitivo da gruta, nos inícios do Neolítico Final. Arquivo de João Luís Cardoso. Fundo Manuel Farinha dos Santos.

estreito, dando passagem a uma câmara de planta circular munida de uma abertura no fecho, permitindo o acesso direto ao seu interior, evocando o conjunto, globalmente, a morfologia do útero.

Embora a cronologia do início destas construções se encontre bem determinada no Neolítico Final, em muitas delas não se recolheram vestígios desta época, em virtude de poderem ser mais modernas, já do início do Calcolítico, ou, mais provavelmente, por terem conhecido sucessivas limpezas e remoções dos espólios mais antigos, no decurso das sucessivas reutilizações conhecidas ao longo de todo o Calcolítico. Com efeito, a utilização funerária ao longo de muitos séculos de alguns destes sepulcros, como é o caso da recentemente estudada gruta artificial de S. Paulo II (Almada) onde se identificaram testemunhos de cerca de 250 tumulações humanas, prova bem a importância detida no universo cognitivo das antigas sociedades camponesas por estas construções funerárias, apesar da sua completa ausência de monumentalidade, uma vez que constituíam construções subterrâneas.

A construção das grutas artificiais poderia ter resultado, em parte, da ausência de grutas naturais nas regiões onde ocorrem, a par da indisponibilidade de grandes lajes para a construção de dólmenes, sem prejuízo de poderem revelar influências culturais mediterrâneas dada a semelhança com as ocorrências ali conhecidas, da mesma época.



Original da planta da necrópole do Neolítico Final da Lapa do Bugio, gruta natural da região de Sesimbra. Observe-se a delimitação por muretes de cada enterramento, no seio da necrópole coletiva. Arquivo de João Luís Cardoso. Fundo Octávio da Veiga Ferreira.



Vista parcial da gruta artificial n.º 1 de Casal do Pardo, Quinta do Anjo (Palmela), a partir da parte superior da mesma. Em primeiro plano, a claraboia que permitia o acesso ao interior da câmara, observando-se a passagem desta ao corredor, marcada por pequeno portal em forma de arco. No chão deste, observa-se sulco transversal, que poderia relacionar-se com um sistema de obturação da entrada na câmara. Fotografia de João Luís Cardoso.

ESTÍMULOS ORIENTAIS?

Com efeito, não devem ser ignorados os influxos culturais mediterrâneos presentes ao longo de todo o Neolítico e Calcolítico no território português, os quais a partir de cerca de 2800 a.C. (início do Calcolítico Inicial) se corporizam, no que ao mundo funerário diz respeito, pela emergência, no ocidente peninsular, de um novo tipo arquitetónico caracterizado pela adoção da solução em falsa cúpula.

É aliciante a proposta, ainda hoje válida, de a progressão geográfica deste novo tipo de sepulcros – os *tholoi* – de oriente para ocidente, desde o Levante peninsular mediterrâneo, até ao litoral a norte do Tejo, ter resultado da difusão da metalurgia do cobre, por via da progressão dos respetivos prospetores e metalurgistas, hipótese apresentada de forma pioneira há já setenta anos por Octávio da Veiga Ferreira e Abel Viana, embora o registo arqueológico tenha dificuldade de a comprovar, tal foi a velocidade daquela progressão.

A planta de um *tholos* não se diferencia, na sua conceção mais simples, da de uma gruta artificial ou de um dólmen, possuindo, tal como aqueles monumentos, de forma genérica, um átrio exterior, um corredor intratumular e uma câmara de planta circular, cuja única novidade residia no processo de cobertura, assegurado pela crescente sobreposição, a toda a volta, de pequenas lajes progressivamente ultra-



Vista da entrada da gruta artificial n.º 1 de Alapraia (Cascais). Em primeiro plano, evidencia-se o longo corredor, cuja porta de comunicação com a câmara do monumento, em segundo plano, foi modernamente transformada tendo em vista a sua reutilização doméstica.

passadas que constituíam, no seu todo, a cúpula do monumento. Estes, tal como os dólmenes, eram cobertos originalmente por montículos estruturados constituídos por pedra e por terras compactadas, que marcava visualmente a paisagem de forma impressiva ao contrário do que se verificava com as grutas artificiais.

Em resultado, no decurso do Calcolítico, situável globalmente em todo o 3.º milénio a.C. era prática corrente a utilização funerária simultânea de grutas naturais, grutas artificiais, dólmenes e, pela primeira vez, de sepulturas de falsa cúpula (*tholoi*), denotando o eclecismo das comunidades que herdaram dos seus antepassados, ou que construíram pela primeira vez, tais sepulcros coletivos, denotando a diversidade de soluções adotadas para a tumulação de comunidades cada vez mais numerosas.

É interessante, a este propósito, notar a interação evidenciada nalguns casos entre sepulcros. Assim, no caso do monumento da Praia das Maças (Sintra) foi construída, em pleno Calcolítico, uma sepultura de falsa cúpula reaproveitando gruta artificial escavada na rocha ali previamente existente da qual subsistia apenas um pequeno nicho lateral, a «Câmara Ocidental». Esta foi a única parte do monumento que não sofreu qualquer reutilização no decurso do Calcolítico, conforme indicam os materiais e datações obtidos, claramente do Neolítico Final. Outra clara associação de monumentos funerários de épocas diferentes é corporizada pelos dois *tholoi* da Comenda e da Farisoa (Reguengos de Monsaraz) construídos na ad-



ASC

Vista do fecho da câmara da sepultura de falsa cúpula de Alcalar 7 (Portimão), antes do restauro realizado. Observe-se o progressivo fecho da abóbada da câmara e a passagem desta ao corredor, marcada pela colocação de grande lintel. Arquivo de João Luís Cardoso. Fundo de Octávio da Veiga Ferreira.



ASC



ASC

Vista do lado interno da grande câmara do *tholos* da Praia das Maças (Sintra), observando-se ao fundo a passagem para a «câmara ocidental», nicho escavado na rocha que subsistiu do monumento original, datado do Neolítico Final. Arquivo de João Luís Cardoso. Fundo de Octávio da Veiga Ferreira

Vista geral das escavações realizadas no monumento da praia das Maças (Sintra). Fotografia de João Ludgero Gonçalves. Arquivo de João Luís Cardoso. Fundo de Octávio da Veiga Ferreira.



Vista exterior da entrada da sepultura de falsa cúpula de Alcalar 7 (Portimão)

jacência imediata de dois dólmenes pré-existent. Foram, aliás, estas duas evidências, que permitiam demonstrar no território português a anterioridade das construções dolmênicas face às sepulturas de falsa cúpula. Numa época em que as datações de radiocarbono 14 ainda não eram conhecidas, alguns arqueólogos de projeção internacional concluíram, erradamente, que os dólmenes de corredor do território português como grosseiras imitações das *tholoi* do mediterrâneo oriental, conclusão pela primeira vez posta em causa pela evidência alentejana, justamente valorizada por Georg e Vera Leisner.

Dado o extraordinário número de sepultamentos neles verificados, dificilmente se pode entrever qualquer segregação social ou seleção dos inumados por critérios de estatuto social, apesar de, no decurso do 3.º milénio a. C., os processos de diferenciação social se encontrarem em plena afirmação. Os mesmos terão raramente conhecido expressão no registo funerário, nos contextos portugueses conhecidos. Um dos exemplos mais evidentes corresponde à existência de nichos individualizados em alguns dos *tholoi* da necrópole de Alcalar (Portimão). Num desses nichos

laterais, construídos no corredor do monumento n.º 3, foi recolhido excecional conjunto de lâminas neolíticas de sílex exógeno,

que, conjuntamente com os restos humanos que o

acompanhavam, constituía o sepulcro de

indivíduo de evidente estatuto social,

conforme foi devidamente salientado

por Estácio da Veiga. O mesmo arqueólogo

identificou, no mesmo monumento,

outro notável conjunto constituído por armas

de cobre, que sublinha a excecional importância

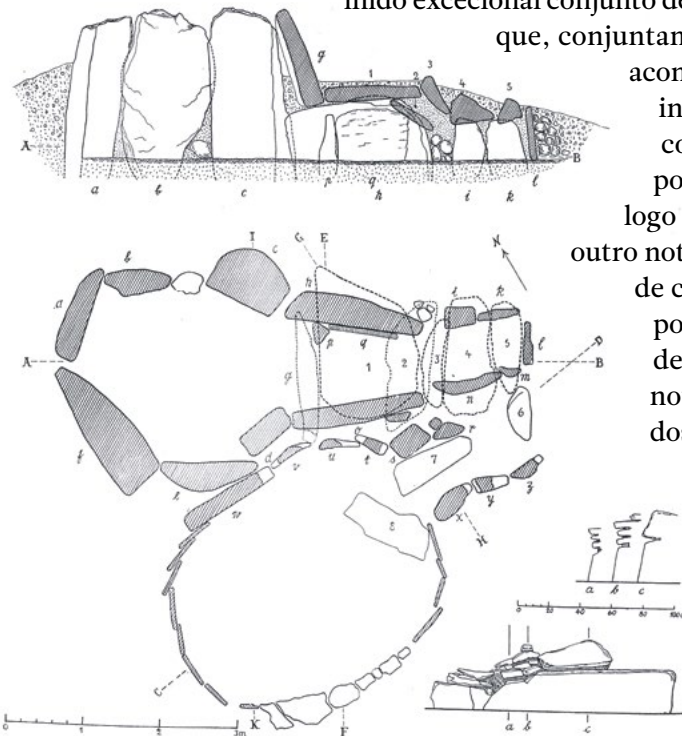
do personagem ali tumulado,

demonstrada por via de alguns objetos

notáveis ou de indumentária encontrados,

mas também pela individualização

arquitetónica concedida à sua tumulação.



Planta do dólmen de Comenda (Reguengos de Monsaraz) e do *tholos* a ele adossado no Calcolítico, seg. Georg e Vera Leisner.



Báculo» votivo de xisto decorado em ambas as faces por motivos geométricos, proveniente do dólmen de Estria (Sintra). Museu Geológico do LNEG. Arquivo de João Luís Cardoso. Fundo de Octávio da Veiga Ferreira.



«Pinha» votiva de calcário, munida da respetiva empunhadura, do dólmen de Casaiinhos (Loures). Observe-se a representação de várias serpentes, símbolos da vida subterrânea, Museu Geológico do LNEG. Fotografia de João Luís Cardoso.

DIFERENTES NA VIDA, DIFERENTES NA MORTE

Na larga maioria dos casos, são as ocorrências de objetos de contextos mal definidos no interior dos sepulcros, via de regra explorados em época antiga, que sugerem a existência de diferenciações sociais no conjunto dos sepultados. Estão neste caso, os célebres báculos, característicos do megalitismo alentejano com ocorrências esporádicas em alguns dólmenes da Estremadura, facilmente conectáveis à representação votiva, em pedra, de símbolos de poder, devendo os chefes falecidos empunharem, na sua viagem, estas representações votivas de pedra, símbolos do seu poder exercido em vida.

Também alguns objetos votivos de calcário, de grande diversidade tipológica, característicos dos diversos sepulcros estremenhos, devem ser considerados. Avultam os objetos relacionados com práticas religiosas provavelmente exercidas pelo segmento dominante da sociedade, corporizados, entre outros, pelos ídolos «pinha» empunhados na mão no decurso das cerimónias relacionados com a perenidade da vida ou ainda as representações lunares presentes em suportes de calcário conectáveis com aquele culto em área circunscrita em torno da serra de Sintra, conforme indica a respetiva distribuição dos achados, exercido muito provavelmente, por personagens com tais funções específicas.

Em suma: pode entrever-se nas sociedades que habitaram a parte meridional do atual território português no decurso de todo o 3.º milénio a. C. a dinâmica dos contactos transregionais então estabelecidos, a par das diferenciações endógenas nelas observadas, conducentes à crescente diferenciação e complexificação a todos os níveis da organização social, incluindo a religiosa, acompanhando a crescente competição então identificada no registo arqueológico, tão bem ilustrada pelas notáveis fortificações, com muralhas e bastiões (ver capítulo anterior), que ainda hoje fazem a nossa admiração. ■